

# HABITAÇÃO NA AMAZÔNIA: LIÇÕES APRENDIDAS COM O REASSENTAMENTO CDP (BELÉM-PA)

Ana Klaudia de Almeida Viana Perdigão<sup>1</sup>

**Resumo:** Aborda-se, nessa reflexão, a Experiência CDP que marca um momento importante de produção de uma cidade mais democrática em decorrência de obras de infraestrutura acompanhadas por um Plano de Reassentamento que norteou uma proposta de orientação técnica envolvendo arquitetura, engenharia civil e serviço social. Destacam-se os efeitos de uma lógica de projeto de arquitetura que suscitam novas questões e novas práticas, quebrando paradigmas vigentes sobre a atuação profissional do arquiteto, especialmente sobre o papel do conhecimento para alavancar novas práticas e, também, para produzir fundamentos que humanizam o projeto de arquitetura voltado à produção de habitação social na Amazônia.

**Palavras-chave:** habitação; projeto; humanização; Amazônia.

**Abstract:** This report addresses the CDP Experience, which marks an important moment in the production of a more democratic city as a result of infrastructure works accompanied by a Resettlement Plan that guided a proposal for technical guidance involving architecture, civil engineering and social service. The effects of an architectural design logic are highlighted, which raise new questions and new practices, breaking current paradigms about the architect's professional performance, especially about the role of knowledge to leverage new practices and also to produce fundamentals that humanize the architecture project aimed at the production of social housing in the Amazon.

**Keywords:** housing; project; humanization; Amazon.

## Introdução

As particularidades do habitat amazônico manifestam as variações de um conjunto de valores culturais que clamam por decodificação dos pesquisadores em diversas áreas do conhecimento.

Na arquitetura não seria diferente. Embora tradicionalmente ligada à manifestação física e seus dados técnicos, a interpretação do habitat local vem se apresentando com um olhar ampliado sobre a produção do ambiente construído com traços humanizadores. Exemplo disso é a prática de um projeto dedicado à execução de um Plano de Reassentamento de famílias, ligado a uma intervenção de grande porte ocorrida nos anos 1990 na cidade de Belém (PA): o Projeto de Macrodrenagem da Bacia do Una.

Cada vez mais crescente, a abordagem do habitat ribeirinho amazônico tem sido, na última década, no campo da arquitetura, um objeto de interesse da pesquisa em projeto com um pensamento humanista e com respeito ao lugar pela produção de conhecimento

---

<sup>1</sup> Professora titular da Universidade Federal do Pará - UFPA. Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (Fauusp). Docente do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo e da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará. Coordenadora do Laboratório Espaço e Desenvolvimento Humano – LEDH. E-mail: klaudiaufpa@gmail.com.

científico decorrente de pesquisas de pós-graduação vinculadas ao Laboratório Espaço e Desenvolvimento humano da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Destaca-se, contudo, que a abordagem do projeto de arquitetura com traços humanizadores como objeto de investigação tem sua gênese na realização da Experiência de Reassentamento CDP<sup>2</sup>. Articulado com a Engenharia Civil e o Serviço Social, o campo da arquitetura traz, implícita na orientação de projeto, a integração de ações nesse tripé profissional tão importante para o reassentamento de comunidades que construíram suas moradias sem qualquer acompanhamento técnico.

O Convênio Cohab/FADESP/UFPA (1998-2000) foi uma articulação institucional importante envolvendo o Estado, a Prefeitura de Belém e a Universidade Federal do Pará, através do Programa de Apoio à Reforma Urbana, para reunião de esforços para execução do Plano de Reassentamento de Famílias dentro do Projeto de Macrodrenagem da Bacia do Una em Belém na década de 1990.

O Programa de Apoio à Reforma Urbana da UFPA, na época com a Coordenação da Profa Vitória Paracampo e, posteriormente, da Profa Joana Valente Santana, foi responsável por uma das experiências mais ricas e efetivas para a população que sofreu o impacto das obras de infraestrutura na cidade de Belém por morarem às margens dos canais em obras.

A orientação das famílias removidas das margens dos canais em obras na Bacia do Una para uma área sob intervenção da Cohab através de Programa Lotes Urbanizados em terreno da Companhia das Docas do Pará – CDP, atualmente denominada Paraíso dos Pássaros, foi executada com base em solução oferecida por trabalho acadêmico da UFPA em escala urbana e, assim, recebendo posteriormente o suporte teórico-metodológico (UFPA, 1998) para orientação de projeto e construção de unidades habitacionais acompanhada pelas equipes de arquitetura e engenharia, além do trabalho de orientação comunitária desenvolvida pela equipe social (PERDIGAO & SANTANA, 2018).

A orientação de projeto de arquitetura desencadeou muitos processos inovadores em práticas de reassentamento na cidade de Belém e no Brasil. Em termos institucionais, na Companhia de Habitação do Pará, nas áreas de financiamento regulamentados pela Caixa Econômica Federal, bem como na UFPA. O êxito da experiência levou a duas premiações nacionais no ano de 1999.

Na referida universidade, além da contribuição para uma ação governamental de grande porte e em tempo real entre planejamento e execução – afinal, tratava-se do reassentamento de 2.048 famílias e com agentes ligados ao financiamento em constante avaliação sobre o impacto humano das obras –, observa-se que as repercussões científicas e acadêmicas têm sido reconhecidas até hoje, inclusive por mais uma comunicação aqui sendo realizada, visando atualizar gerações de profissionais sobre a importância e a abrangência da Experiência CDP para execução de políticas urbanas e para produção de conhecimento.

---

<sup>2</sup> A equipe técnica do Convênio Cohab/FADESP/UFPA era formada por uma coordenação geral com a Assistente Social Graciela Santos dos Santos; duas sub-coordenações acadêmicas, sendo uma de Arquitetura com a Prof.<sup>a</sup> M.Sc. Ana Klaudia de Almeida Viana Perdigão e outra de Serviço Social com a Prof.<sup>a</sup> M.Sc. Joana Valente Santana; e uma sub-coordenação técnica com a Arq. Isabela Bastos Bandeira. Além dos engenheiros civis Alexandre Foro Portal e Mauricio Marinelli Sampaio e os assistentes sociais Aldebaran do Socorro Moura e Katia Maria dos Melo. A equipe era complementada pelos estagiários dos cursos de Arquitetura, Engenharia e Serviço Social e pelo setor de apoio com o assistente administrativo Fabio Lourinho, o desenhista Claudomir Freitas e o motorista Otávio Ribeiro.

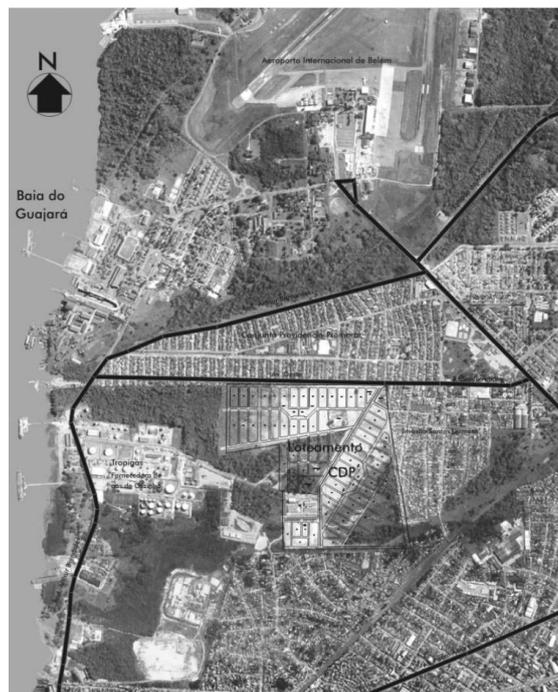
Assim sendo, o suporte metodológico proposto para orientação de projeto das unidades habitacionais suscitou resultados que mereciam ser e foram testados, especialmente os aspectos ligados ao projeto que extrapolavam a materialidade e que dela tornam evidentes aspectos que, mesmo não sendo de natureza física, de forma contundente interessam ao universo da arquitetura pelo atendimento de necessidades humanas. Em se tratando do ser humano, as demandas por espaço são vastas e dentro de um processo de remanejamento/reassentamento, elas ganham maior complexidade, levando-se em consideração o histórico da vida espacial dessas famílias que não pode ser desconsiderado.

Havia algo que emergia através das orientações de projeto, a vida das pessoas e a sua relação com o ambiente construído, o que passou a gerar uma instigação para que fosse traduzido em compreensão teórica de tantos conteúdos que ainda escapavam ao conhecimento tradicional ligado ao projeto de arquitetura, exatamente o que extrapolava da esfera física. Com a problematização, a questão de pesquisa e as hipóteses levantadas, foi se delineando um objeto de interesse para pesquisa de doutorado, conteúdo que foi testado e validado dando sequência à Dimensão Afetiva da Arquitetura de Espaços Habitacionais (PERDIGÃO, 2006).

## Repercussões da Experiência CDP na academia

A experiência de remanejamento/reassentamento de famílias para a Área da Companhia das Docas-CDP em Belém (PA), hoje um assentamento urbano denominado Paraíso dos Pássaros, trouxe bons resultados em muitos aspectos para a cidade, para as políticas públicas e para as famílias beneficiadas.

Figura 01: Área de reassentamento CDP e seu entorno na cidade de Belém (PA)



Fonte: Relatórios mensais do Convênio Cohab/FADESP/UFPA

A cidade funcionava como um canteiro em obras. Quando 1/3 da população do município sofria algum tipo de impacto com o Projeto de Macrodrenagem da Bacia do Una (Fig. 2), foi um desafio acadêmico e institucional enorme ter a participação da UFPA e o seu apoio para a construção de uma realidade local que, marcadamente, é tão cheia de demandas sociais. A produção habitacional através de autoconstrução, orientada tecnicamente a partir de princípios, pressupostos e qualidades voltados para as unidades habitacionais e, ao mesmo tempo, fortalecimento da prática arquitetônica, foi um avanço inquestionável.

No contexto de um remanejamento involuntário de grande porte como o que se apresentava, naturalmente haveria um choque entre a realidade e a aplicação do conhecimento. Naquelas circunstâncias, o paradigma de uma arquitetura protagonizada pelo arquiteto já era algo superado, visto que havia um contrato estabelecido pela participação comunitária em todas as etapas de projeto, construção e organização comunitária. Portanto, o alcance do projeto foi ampliado como prática, mas ficava um embrião para repercussões teóricas que incidissem na formação do arquiteto, o que viria com a pesquisa de tese em 2006 e a criação do Laboratório Espaço e Desenvolvimento Humano na UFPA em 2007.

Havia uma pressão sobre a elaboração da proposta de suporte teórico-metodológico para execução do Plano de Reassentamento, havia o tempo contra-atacando, uma vez que já se desenrolavam atividades em curso que não eram bem avaliadas pelos agentes financiadores, tornando ainda mais urgente a proposição pela continuidade de reassentamento para evitar a paralisação do cronograma de obras dos canais envolvidos com a remoção das famílias.

O desenvolvimento de um suporte metodológico para orientação de projetos personalizados, e com a liberdade para aceitação ou não de acompanhamento técnico pelas famílias sob alvo de reassentamento em qualquer esfera da equipe disponível foi uma característica que se sobressaiu em relação às demais frentes de trabalho na Companhia de Habitação do Pará, que repercutiu em arranjo institucional e, assim, permitiu a abertura nas equipes envolvidas de vários órgãos para uma lógica de projeto mais humanizada e flexível.

A intencionalidade do processo flexível foi estabelecida como premissa de trabalho que continha uma abertura para o contato com as famílias, alvo de reassentamento desde a confecção de um minucioso programa de necessidades no qual eram listadas necessidades, exigências, preferências, prioridades, aspirações, expectativas, impossibilidades e, até mesmo, desenhos do morador.

Os resultados das interpretações realizadas com base nas respostas dos moradores eram traduzidos em procedimentos para enquadramento no conjunto de possibilidades pré-elaboradas, até certo ponto, em esquemas com partidos arquitetônicos bidimensionais complementados com informações sobre esquemas de localização nas quadras, envolvendo a projeção de ocupação no lote e condicionantes para uma melhor orientação quanto à exposição solar e ventos predominantes, especialmente no setor íntimo.

Avançando no processo, o morador consultava alguns projetos-referência, nos quais já estava desenvolvida a distribuição dos ambientes com base no partido arquitetônico escolhido pelo morador. O projeto-referência representava a base para adaptações requeridas pelo morador e, ao mesmo tempo, estabelecia restrições de ocupação do lote, afastamentos e recuos recomendáveis. Ou seja, representava um diálogo com informações

graficamente elaboradas, facilitando a comunicação sobre o que seria ou não recomendável, inclusive a restrição orçamentária mediante a indenização recebida pelo morador.

Figura 02: Partido arquitetônico e Projetos Personalizados

ALTERNATIVAS DE PARTIDO ARQUITETÔNICO BI-DIMENSIONAL

Modelo	Orientação	Área	Manchas (Esc. 1:500)
XBN		(A) - 88,00 m <sup>2</sup>	
		(B) - 72,00 m <sup>2</sup>	
		(C) - 62,00 m <sup>2</sup>	
XBS		(A) - 60,00 m <sup>2</sup>	
		(B) - 57,00 m <sup>2</sup>	
		(C) - 52,00 m <sup>2</sup>	
YBS		(A) - 52,00 m <sup>2</sup>	
		(B) - 50,00 m <sup>2</sup>	
		(C) - 48,50 m <sup>2</sup>	

Quadra - Esc. 1:1250

**Legenda:**  
 Fossa  
 Área Construída  
 Avarandados

PLANTA BAIXA  
PROJETO REFERÊNCIA OR

QUADRA 19 - LOTE 08

QUADRA 23 - LOTE 01

QUADRA 21 - LOTE 20

QUADRA 21 - LOTE 34

PLANTA BAIXA

SITUAÇÃO E ORIENTAÇÃO NA QUADRA

QUADRA = 19  
LOTE = 01

SITUAÇÃO E ORIENTAÇÃO NA QUADRA

QUADRA = 21  
LOTE = 20

SITUAÇÃO E ORIENTAÇÃO NA QUADRA

QUADRA = 21  
LOTE = 34

Fonte: Relatórios mensais do Convênio Cohab/FADESP/UFGA

Uma lógica de projeto mais aberta e flexível tornava explícita a tomada de decisão arquitetônica que permitia a personalização do espaço habitacional, a qual era estimulada e acompanhada tecnicamente até mesmo em etapas posteriores à orientação das famílias no Barracão de projetos (PERDIGAO, 2000).

A personalização habitacional reafirmava e registrava materialmente alguns pressupostos da orientação de projeto da unidade habitacional: a) a casa expressa a história de vida pessoal de cada integrante do grupo familiar; b) a casa é a manifestação de valores, aspirações e visões de mundo de seus moradores; e c) o processo projetual com a participação comunitária deve estimular a reprodução de elementos do vocabulário habitacional já utilizados e aceitos por cada grupo familiar e deve estimular, também, a proposição de novos, caso seja de interesse da família.

Tais pressupostos foram importantes para adoção de novas lógicas e condutas profissionais, que contribuíram sobremaneira para uma prática de reassentamento que provocou rupturas com um raciocínio meramente construtivo e baseado na racionalidade, com indicação para padronização tipológica ou mesmo a simplificação da planta baixa com a desconsideração dos anseios da família em reassentamento habitacional.

Fazia parte do entendimento geral que a elaboração de uma lógica de projeto, que buscava amenizar tantos efeitos desfavoráveis de um remanejamento involuntário, pode contar com um processo projetual conceitualmente enriquecido e comprometido com teorias e com uma leitura crítica da realidade, capaz de criar, a cada momento, a adequação da mesma a um determinado contexto de projeto. O detalhamento operacional da Experiência CDP, especialmente a proposta arquitetônica incluindo as informações sobre o local, obteve duas premiações: Concurso Instituição Selo de Mérito, em 1999, e, no mesmo ano, o Concurso Melhores Práticas da Caixa Econômica Federal.

Também ocorre um caminho inverso, ou seja, o natural questionamento teórico quando as práticas de atuação profissional são observadas de modo sistemático. Notadamente, a abertura para processos flexíveis e inovadores expande, cada vez mais, o pensamento projetual, provocando reflexões e novas questões para superação de um paradigma teórico por meio da aplicação a um determinado contexto. É mesmo um processo dinâmico e próprio ao universo da arquitetura. Este não é um movimento inédito do campo da Arquitetura; aliás, pelo contrário, ele está na base da produção de conhecimento em qualquer campo.

Por isso, a busca por evidências sobre a complexidade envolvida no problema e na solução espacial ao atendimento de necessidades humanas com o projeto de arquitetura das unidades em programas habitacionais passou a ser bastante instigante. Um conteúdo escapava em conversas entre projetistas e moradores: de forma explícita, estava na relação entre o espaço físico e o ser humano (PERDIGAO, 2003). Contudo, estava apenas de forma implícita nas ações projetuais nos códigos profissionais, ainda merecia investigação e proposição teórica. O que aconteceu na investigação científica com o teste da teoria afetiva.

O êxito da proposta de suporte projetual e da orientação comunitária deu muitas oportunidades para lançar problemas a serem pesquisados, tal foi o repertório de lacunas relacionado ao contexto de projeto no âmbito do remanejamento/reassentamento habitacional que aguardava respostas coerentes com a prática estabelecida. A repercussão da lógica de orientação de projetos na Área da CDP pelos resultados concretos obtidos foi instigante.

A elaboração da questão de pesquisa de tese sobre a dimensão afetiva da arquitetura de espaços habitacionais tornava explícito que havia um ingrediente imaterial que se concretizava com aquele suporte técnico oferecido como orientação de projeto de arquitetura às famílias em reassentamento na área CDP.

A lógica de projeto de arquitetura e o padrão de ocupação espacial para teste da teoria afetiva da arquitetura são apresentados no caso da Área de Reassentamento CDP (PA). O vínculo com o lugar foi examinado com base nas modalidades afetivas, cognitivas e fisiológicas humanas do usuário, considerando a concepção espacial, ou seja, a orientação de projetos ter sido ou não recebida pelos dois grupos de moradores consultados.

O teste validou a hipótese e revelou a manifestação clara da relação afetiva dos moradores consultados com o espaço habitacional. Os moradores com orientação personalizada de projeto de arquitetura demonstram a condição do “sentir-se em casa” no presente, o que não se confirmou para os demais consultados, que não obtiveram orientação de projeto para concepção e construção de sua unidade habitacional (PERDIGÃO, 2006).

A aplicação da teoria afetiva na prática da profissão, em ações de melhoria habitacional, envolve a elaboração de recursos técnicos específicos para a realidade em questão, para o ajuste espacial e a maior permanência do morador no espaço, pelo fortalecimento de vínculos com a casa e com o seu entorno imediato, através de decisões de projeto arquitetônico. Para tanto, a necessidade do desenvolvimento de ferramental de consulta sobre necessidades humanas tem levado à pesquisa sobre a temporalidade do habitar (PERDIGÃO, 2006) como forma de capturar o que escapa à linguagem verbal para definição das necessidades a serem atendidas pela atuação do arquiteto.

Os resultados da tese demonstraram a importância da inclusão de aspectos da relação entre ser humano e ambiente, construído como variável técnica (PERDIGÃO, 2012), fortalecendo a continuidade no investimento por meio da teoria do projeto sobre a base cognitiva e operativa (SILVA, 2003), impulsionando o surgimento da pesquisa em projeto com a criação do Laboratório Espaço e Desenvolvimento Humano (LEDH) da UFPA e tornando corrente a relação entre ensino e pesquisa em projeto na graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPA.

Ainda que só atuante, inicialmente, no ensino de graduação, essa atuação inicial oportunizou experimentações projetuais importantes: as atividades de iniciação científica e desenvolvimento de TCCs tornaram mais claras as lacunas do conhecimento para solução de problemas da prática profissional, ainda maiores em se tratando do lugar amazônico, tão pouco explorado de um ponto de vista operativo. Desse modo, a produção de conhecimento no recém-criado curso de pós-graduação – com apenas uma década – era a oportunidade aguardada para impulsionar a transformação de problemas físico-espaciais em linguagem de projeto com traços humanizadores por meio de estudos tipológicos (PERDIGÃO, 2009).

A referência da prática de arquitetura tem sido testada cientificamente e o fortalecimento de conteúdos, que fazem parte das teorias de produção arquitetônica (SILVA, 2003; PERDIGÃO, 2019), vem oferecendo a oportunidade para expansão do alcance de conhecimentos implicados na concepção arquitetônica, iniciados com a abordagem de pontos de partida na concepção arquitetônica geométrica e não geométrica (PERDIGÃO & BRUNA, 2009), o que torna possível a concepção da habitação para além

de planos, medidas e materiais de construção, quando oferece o devido lugar às necessidades e expectativas humanas, que precisam ser melhor capturadas e traduzidas em espaço.

Assim, investe-se na produção do conhecimento de natureza operativa, assumindo a ampliação de pontos de partida diversificados no campo das representações espaciais. Portanto, introduzindo possibilidades alinhadas ao escopo de relações estabelecidas pelo ser humano com o entorno construído, conforme a epistemologia genética de Piaget sem, necessariamente, ter a forma para definição do partido arquitetônico como única opção.

## **As representações espaciais gerando estudos tipológicos**

A abordagem sobre a habitação faz parte de um estudo mais amplo, sobre as representações espaciais descritas através de categorias de natureza geométrica e não geométrica (PERDIGÃO; BRUNA, 2009), no qual levantam-se pontos de partida do projeto de arquitetura com base nas relações estabelecidas pelo ser humano com o entorno construído, em seu ciclo de desenvolvimento humano com base em quatro períodos, conforme Piaget e sua Epistemologia Genética.

Cabe ressaltar que a estruturação dos pontos de partida segue publicações em escala urbana, que abordam categorias topológicas e geométricas em suas investigações, o que levou a assumir mais uma categoria relacionada ao teste da teoria afetiva e que encontra enquadramento no primeiro período abordado por Piaget, o período sensório-motor e as características do ser humano a ele inerentes.

Norberg-Schulz (1963) apresenta uma discussão elucidativa entre esquemas euclidianos e esquemas topológicos de interesse para construção teórica sobre a representação de espaço no campo da arquitetura. A investigação de Piaget atesta ao espaço euclidiano um tipo de esquema posterior ao caráter comportamental inconsciente no início do ciclo vital humano. A experiência de profundidade, que antecede e orienta o esquema euclidiano, vem de relações topológicas.

A percepção de profundidade é inexistente e demonstra que o espaço, como fenômeno físico, tem um caráter não euclidiano nos primeiros anos da vida humana. Portanto, temos associado as representações geométricas e topológicas, que são aquelas que aparecem nas discussões teóricas mais sistematicamente na escala urbana, na escala do edifício a representação pulsional (PERDIGÃO; BRUNA, 2009). Admite-se que as relações topológicas são aquelas estabelecidas antes das noções geométricas envolvendo formas e medidas, por exemplo. As representações pulsionais estão relacionadas ao período sensório-motor descrito por Piaget.

Seguindo esse raciocínio, temos desenvolvido estudos sistemáticos sobre o habitat amazônico, sendo a palafita descrita através de uma abordagem tipológica, entre tipologia e tipo, envolvendo assim elementos geométricos e qualidades topológicas. Assim, tem-se investigado as particularidades da arquitetura ribeirinha da Amazônia com a discussão de aspectos geométricos e não geométricos em comunidades amazônicas.

O estudo mais amplo mencionado envolve um conjunto de pesquisas de natureza projetual, com estudos analíticos para contribuição à instrumentalização do projeto de arquitetura e à formação de repertório local por meio da arquitetura vernacular.

## Pontos de partida geométricos e não geométricos para produção de habitação social

A descrição da palafita amazônica, nesses termos, gera um conhecimento operativo que é a meta de pesquisas desenvolvidas no Laboratório Espaço e Desenvolvimento Humano da UFPA, cujos resultados de pesquisa são elaborados em linguagem de projeto como fundamento para a formação do arquiteto.

A proposição do tipo palafita amazônico, apoiado em estudos de Norberg-Schulz (1971), apresentada em estudo na Vila da Barca em Belém-PA por Menezes (2015), foi complementada por análise da tipologia, apoiada em estudos de Argan (2001) e associadas aos métodos de Mahfuz (1986), gerou um estudo no qual se destaca o compromisso didático com resultados de pesquisa em projeto nas palafitas de Afuá, Ilha do Marajó, Estado do Pará, no norte do Brasil (PERDIGAO, 2016).

O tipo palafita amazônico abrange relações de proximidade com a natureza, principalmente com o rio e a floresta. A floresta e o rio são como uma continuidade da casa, através de um percurso que inicia na estiva, que conecta o rio à casa, passando por uma circulação interna, que se desenvolve entre os ambientes de uso, visto que a pouca compartimentalização dos espaços internos da casa oferece continuidade até a roça, que inicia no quintal, e finalizam na mata, em conformidade com o sistema mata-rio-roça-quintal (LOUREIRO, 2001). A sucessão ao ambiente natural ocorre pelo uso dos avarandados, estivas, jiraus e trapiches, elementos que demarcam o intervalo entre o interior e o exterior (MENEZES, 2015; MENEZES; PERDIGÃO, 2021).

A tipologia refere-se a elementos visíveis, sistematizados por Argan (2001). O “todo” abrange a volumetria da edificação. A relação entre as “partes e o todo” se reflete nas proporções entre a altura da casa e a elevação do solo e, também, na proporção entre altura e largura no plano da fachada. A distância entre a estiva pública e a palafita, pela estiva privada, também é considerada como uma parte relacionada ao todo da edificação. Para as “partes significativas”, observaram-se detalhes construtivos e decorativos (PERDIGÃO, 2016).

No atual curso de investigações sobre o habitat na Amazônia (TRINDADE JR, 2010), desdobrando-se em partes até chegar ao processo projetual, percebe-se a existência de dois campos distintos que concorrem para fundamentar os aspectos humanos envolvidos na concepção arquitetônica, entre quem concebe e quem usa o espaço construído. O campo das operações cognitivas para uso de método e repertório de projeto e o campo das sensações humanas conforme as impressões e aspirações para quem usa o espaço. Contudo, eles não são únicos e estanques, as relações humanas são únicas e complexas, é preciso querer capturá-las, caso a caso.

Tais contratações têm impulsionado as investigações sobre o habitat ribeirinho da Amazônia através da produção de conhecimento operativo com ênfase ao tipo e à tipologia (PERDIGÃO, 2009; PERDIGAO, 2016; MENEZES; PERDIGAO, 2021). E, também, sobre a instrumentalização do projeto através das representações espaciais na concepção arquitetônica (PERDIGÃO; BRUNA, 2009).

## Considerações finais

A temática espacial oferece um aporte conceitual e técnico capaz de agregar conhecimento profissional (método e repertório de projeto) e demandas individuais dos moradores (essência e história de vida dos usuários) para melhoria das condições habitacionais em casos de deslocamento espacial.

A produção de conhecimento é uma recorrência importante no acompanhamento de práticas arquitetônicas. Tem-se explorado, especialmente, o efeito de variáveis de projeto mais ligadas à vida espacial do morador, tendo sido comprovadas através de consulta direta aos moradores, o que naturalmente promove a inclusão de muitas variáveis a serem incorporadas ao tradicional escopo de variáveis técnicas como são tradicionalmente aceitas.

Na área CDP, foram levadas em consideração condicionantes de projeto com mais características humanas, ditas “menos técnicas”, visto que os problemas a serem resolvidos com a orientação de projetos não estavam circunscritos em demandas eminentemente físico-espaciais. Estava envolvido no processo de orientação de projetos na Área CDP o fato de que havia perdas irreparáveis, e que a solução da unidade habitacional no reassentamento entrava como uma estratégia para amenizar a realidade de danos provocada por um remanejamento involuntário.

Desse modo, os resultados do teste da teoria afetiva demonstraram diferentes pontos de vista sobre criação e apropriação do espaço arquitetônico. Portanto, percebeu-se claramente a lacuna deixada pelo fato de a produção da moradia não considerar a ampla exploração da vida espacial dos moradores para a proposta da unidade habitacional no reassentamento CDP.

O desafio disciplinar do campo da arquitetura está no desenvolvimento de esquemas teóricos e práticos com referência ao fato de que os espaços abrigam muito mais do que operações complexas de criação cognitiva pelo projetista, e, graças à crítica, à reflexão e à produção de conhecimento científico, novas possibilidades se abrem com a adoção do conceito de espaço na concepção arquitetônica, um caminho de humanização com a complementação do vivido à concepção do espaço físico que, não necessariamente, tem em sua gênese a geometria.

O campo das representações espaciais pela ampliação das bases geométricas a outros níveis de concepção vem assumindo um protagonismo na base do ensino de projeto, o que torna possível uma mudança paradigmática sobre a adoção de um pensamento projetual mais alinhado com a vida espacial, com os modos de vida e com a existência humana em conexão com as particularidades do lugar amazônico. Assim, são criadas as teorias de produção do espaço na pesquisa e pós-graduação em atividades do Laboratório Espaço e Desenvolvimento Humano.

A experiência CDP foi iniciada com o conhecimento voltado à atuação profissional, trouxe lacunas e instigações para ampliar o escopo de projeto. Levou questionamentos e buscas para defesa de tese e a validação de hipóteses sobre a Dimensão Afetiva da Arquitetura. Continua sendo uma referência de atuação prática importante e contribui sobremaneira para a instrumentalização do projeto de arquitetura, sendo complementada por tantas lições recebidas em pesquisa empírica sobre habitação na cidade de Belém (PA).

A produção de conhecimento relacionada à pesquisa em projeto ganha fôlego com cada interpretação feita sobre uma experiência profissional e pessoal tão rica sobre uma

lógica de projeto menos impositiva e que ampliava o olhar técnico de modo humanizado. Ainda falaremos muito sobre a Experiência CDP, ela permite um apoio inigualável para fornecer uma visão crítica da arquitetura e de seu ofício no trato de questões complexas como é o caso da habitação social na Amazônia.

## Referências

ARGAN, G. C. **Projeto e Destino**. 1 ed. São Paulo: Ática, 2001.

LOUREIRO, V. R. Pressupostos do modelo de integração da Amazônia aos mercados Nacional e Internacional em vigência nas últimas décadas: a modernização às avessas. In: COSTA, M. J. J. (Org). **Sociologia na Amazônia: debates teóricos e experiências de pesquisa**. 1 ed. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará, 2001, p. 47-70.

MAHFUZ, E. C. Nada provém do nada: a produção arquitetônica vista como transformação de conhecimento. **Projeto (São Paulo)**, São Paulo, n. 69, p. 25-37, 1984.

MENEZES, T. M. S. **Referências ao projeto de arquitetura pelo tipo palafita amazônico na Vila da Barca (Belém-PA)**. 2015. 140 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

MENEZES, T. M. S.; PERDIGÃO, A. K. A. V. O tipo palafita amazônico: entre formalidade e informalidade do habitar na Vila da Barca (Belém, Pará, Brasil). **Revista PROJETAR**, n. 6, p. 44-59, 2021,.

NORBERG-SCHULZ, C. **Existence, space and architecture**. Nova Iorque: Praeger, 1971.

NORBERG-SCHULZ, C. **Intentions in architecture**. Oslo: Universitetsforlaget; London: Allen & Unwin, 1963.

PAIXÃO, R. T. **Estudo longitudinal de famílias remanejadas e reassentadas no Projeto Taboquinha (Icoaraci, Belém, Pará) como subsídio ao projeto de arquitetura em habitação social**. 2019. 146 f. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do Pará, Instituto de Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Belém, 2019.

PERDIGÃO, A. K. A. V. **A dimensão afetiva da arquitetura de espaços habitacionais**. 2006. 247 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

PERDIGÃO, A. K. A. V. A produção do espaço habitacional expressando a identidade local em Belém (PA): a experiência de reassentamento CDP. **Anais...** em X Encontro Nacional da Anpur. Belo Horizonte: ANPUR, 2003. 1 CD-ROM.

PERDIGÃO, A. K. A. V. Considerações sobre o tipo e seu uso em projetos de arquitetura. **Arquitextos**, 10, 2009. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.114/14>- Acesso em: 16 nov. 2020.

PERDIGÃO, A. K. A. V. Investigações sobre a interação entre ser humano e ambiente construído pelo projeto de arquitetura. **Anais...** em II ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO - Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas, Natal. UFRN, 2012.

PERDIGÃO, A. K. A. V. Projeto arquitetônico participativo em programa habitacional de baixa renda na Área da Companhia das Docas do Pará -CDP (PA). **Anais...** em IX CONGRESSO IBEROAMERICANO DE URBANISMO. Recife: EDUFPE, 2000.

PERDIGÃO, A. K. A. V. Projeto arquitetônico participativo em programa habitacional de baixa renda na Área da Companhia das Docas do Pará: CDP/Belém-PA. In: **IX CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE URBANISMO**, Recife,2000.

PERDIGÃO, A. K. A. V. Teoria da produção arquitetônica na Amazônia. In: CARDOSO, A. C. (Org.). **Trajetórias de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo: 2010-2018**. Belém: UFPA/PPGAU, 2019. Disponível em: <https://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/719>. Acesso em: 5 mai. 2021.

PERDIGÃO, A. K. A. V. Tipo e tipologia na palafita amazônica da cidade de Afuá. **Vírus** São Carlos, v. 13, 2016. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus13/?sec=4&item=2&lang=pt> . Acesso em: 3 Jul. 2019.

PERDIGÃO, A. K. A. V.; BRUNA, G. C. Representações espaciais na concepção arquitetônica. **Anais...** em PROJETAR 2009: projeto como investigação. São Paulo: Alter Market, 2009. (CD).

PERDIGÃO, A. K. A. V.; SANTANA, J. V. Produção habitacional e participação popular no reassentamento de famílias em Belém (PA). In: SANTANA, J. V. (Org.). **Habitação e Serviço social: dimensões teóricas, históricas e metodológicas**. 1 ed. Campinas/SP: Editora Papel Social, 2018, p. 215-229.

SILVA, E. Novos e Velhos Conceitos no Ensino de Projeto Arquitetônico. In: LARA, F.; MARQUES, S. (Orgs.). **Projetar: Desafios e conquistas da pesquisa e do ensino de projeto**. Rio de Janeiro: EVC. 2003, p. 32-35.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ **Suporte metodológico para projeto e auto-construção habitacional de baixa renda em Área Urbana na CDP/ Belém (PA)**, 1998.